

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **A VIDA-TRAVESSIA DAS MULHERES EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL-BRASIL: MEMÓRIAS E IDENTIDADES.**

Marisa de Fátima Lomba de Farias.

Cita:

Marisa de Fátima Lomba de Farias (2009). *A VIDA-TRAVESSIA DAS MULHERES EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL-BRASIL: MEMÓRIAS E IDENTIDADES*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/856>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# A VIDA-TRAVESSIA DAS MULHERES EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL-BRASIL: MEMÓRIAS E IDENTIDADES

Marisa de Fátima Lomba de Farias  
Universidade Federal da Grande Dourados  
marisa.lomba@ufgd.edu.br

## Introdução

Na trajetória de pesquisa, a qual ocorre desde os anos de 1990, muitas mulheres surgem como protagonistas nos processos de *luta por terra* e *luta na terra*, e demonstram, por meio da memória, como constroem e reconstróem estratégias cotidianas de resistências e de fortalecimento de suas identidades.<sup>1</sup>

Este processo de construção/reconstrução se estrutura em dois âmbitos, um amplo relativo às necessidades coletivas de famílias e de grupos diversos nos assentamentos, outro mais restrito, em que as mulheres criam mecanismos de reflexão sobre si mesmas, suas necessidades, seus sonhos e desejos expressos por meio de um modo de vida, sendo o corpo ponto de saída e de chegada na vida-travessia.<sup>2</sup>

O corpo é uma construção de sentidos que permite aflorar identidades e sexualidades em movimento e em transição, por isso se estrutura e se desestrutura entre as representações dominantes e aquelas que abrem brechas para os possíveis e para as múltiplas existências que podem romper modelos, criar mentes e corpos novos e inusitados. É o *possível* diante de perspectivas para viver a sexualidade e orientá-la para relações mais dinâmicas e que permitam romper os limites que o próprio corpo parece impor.

Nessa vida-travessia, as mulheres expressam o desejo de chegar a um lugar – a terra – onde possam estruturar relações pautadas em maior igualdade entre mulheres e homens, mesmo a aspiração não sendo totalmente racionalizada e externalizada.

No trabalho da memória, emergem experiências fundamentais para se fazerem mulheres, e as colocam como principais responsáveis pela procura de novas relações de gênero, peculiaridade evidenciada quando esperam dividir o trabalho agropecuário e o da casa, sem sobreposição de tarefas ou desvalorização de um espaço ou de outro, por exemplo.

Nesse sentido, poderão viver plenamente sua condição *de ser e estar no mundo*, com um corpo que fala por meio do trabalho e da vivência de sua sexualidade. Portanto, a memória de mulheres, as quais passaram por uma trajetória de luta por terra e hoje são trabalhadoras rurais, apresenta a característica fundamental de fortalecimento de identidade e isso as fazem continuar o processo de busca por reconhecimento, autonomia, espaços de participação política e, especialmente, possibilita a reconstrução dos mecanismos de autoconhecimento e de autovalorização na vida-travessia.

---

<sup>1</sup> As reflexões apresentadas neste momento são resultado de uma trajetória de pesquisa individual, desde o mestrado, e coletiva, por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa concluídos e em andamento, que envolvem/envolveram diversos/as pesquisadores/as. Esses projetos recebem apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Estas são desenvolvidas em Mato Grosso do Sul e delas participo como coordenadora ou como pesquisadora colaboradora, sendo elas: Vida de Mulheres em Assentamentos de Reforma Agrária no Município de Itaquiraí-MS (UFGD/FUNDECT/concluído – Pesquisadora Coordenadora: Marisa de Fátima Lomba de Farias), Assentamentos Rurais no Sul de Mato Grosso do Sul: estudos econômicos e sociais das mudanças no meio rural. (UFGD/CNPq/ FUNDECT – Pesquisadora Coordenadora), Mulheres: relações de gênero e de trabalho nos assentamentos de reforma agrária Guaçu e Santa Rosa no município de Itaquiraí-MS. (UFGD/CNPq/ – Pesquisadora Coordenadora), Retratos da Vida nos Assentamentos Taquaral e Sul Bonito: as fotografias como instrumentos reveladores da (re) construção de novos lugares. (UFGD/FUNDECT/concluído – Pesquisadora Coordenadora: Alzira Salete Menegat), Religiões, Religiosidades e Cultura Política nos Movimentos e Assentamentos Rurais na Porção Meridional de Mato Grosso do Sul (UFGD/FUNDECT – Pesquisador Coordenador: Damião Duque de Farias).

<sup>2</sup> Inspiro-me em ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, para pensar sobre esse tema.

## Os caminhos traçados por mulheres no trabalho da memória

As mulheres demonstram uma significativa capacidade criativa e inventiva, diante de tantas situações inusitadas, que vão desde problemas ligados à permanência na terra, que deve “florescer e germinar frutos”, até os conflitos familiares e de gênero.

Nesta trajetória de pesquisa, são utilizadas, prioritariamente, duas técnicas: um formulário, com questões objetivas e abertas, e entrevistas gravadas, além do contato direto e das conversas informais. Os formulários continham múltiplas informações solicitadas por meio de questões objetivas e também perguntas abertas, imprescindíveis para a compreensão do universo pesquisado.

Esse material foi respondido por mulheres que são lideranças ou não, que trabalham fora do lote familiar, seja com diárias em colheitas ou em outras atividades, como, por exemplo, agentes de saúde, ou ainda por mulheres que trabalham nas atividades de agropecuária em seu sítio a fim de possibilitar a identificação dos/as sujeitos sociais, como também a compreensão das suas características familiares, da organização interna e da vida social do assentamento, das suas condições gerais de produção e de infra-estrutura e, ainda, apresentar aspectos do passado – luta pela terra – e do presente – luta na terra. Um outro objetivo foi o de perceber a participação das mulheres no cotidiano do assentamento e como essa participação influencia no processo de fortalecimento de sua identidade e de sua autonomia, tanto no campo do trabalho quanto da sexualidade.

As entrevistas abertas complementaram o diálogo com as famílias dos assentamentos, ampliando o contato no ambiente familiar. Estas opções demonstram a preocupação com o rigor teórico e metodológico sem negar a importância de elementos subjetivos que incentivam a proximidade entre os/as pesquisadores/as e as pessoas dos assentamentos, especialmente, as mulheres.

Ao participarem das entrevistas, as mulheres lançaram mão da *memória individual e coletiva*. Nesse trabalho de lembrar, fortaleceram mecanismos de resistência à medida que puderam *recuperar o passado vivido* antes da conquista da “terra prometida”. Relataram suas histórias marcadas, simultaneamente, por momentos de prazer e felicidade e também por angústias e violência. Assim, tais mulheres reviveram situações que em outros momentos não poderiam expressar ou não se sentiriam à vontade para isso.

Ao lembrar, pois, as mulheres assentadas efetivaram caminhos que levaram ao questionamento da condição vivida nos acampamentos e nos assentamentos – tempos-espacos diferenciados da reforma agrária –, além de lembrarem resquícios do passado com vistas ao futuro. Esse movimento foi conflitante, uma vez que aflorou o vivido passado, transformado por relações e processos de desenraizamento, de expropriação, de violência e de dificuldades para a permanência na terra conquistada. Um passado marcado por barreiras econômicas enfrentadas em outros momentos e lugares e mesmo nos lotes.

Além destas técnicas, vale destacar a importância do processo de observação que se efetivou no contato com as famílias, quando foi possível verificar suas características de organização e as relações conflituosas, dentre outras situações pouco citadas nos depoimentos, mas que puderam ser constatadas nos olhares, nas frases entrecortadas, no não dito, nas interações pessoais, durante as reuniões e os almoços, enfim, no cotidiano dos assentamentos, com um olhar cuidadoso para as mulheres e as relações de gênero.

Nessa *construção da pesquisa*, é essencial a interação entre pesquisador/a e pesquisado/a, o que evita uma relação de hierarquia ou de sobreposição diante de saberes de um/a e de outro/a. Deve-se instituir uma aproximação respeitosa e de certa cumplicidade para que exista um diálogo e a troca de experiências. Como destaca Bourdieu<sup>3</sup>, é preciso efetivar uma relação entre teoria e prática, decorrente deste contato. Neste sentido, estabeleceram-se diálogos, debates e discussões

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. Compreender. In.: BOURDIEU, Pierre. (Coord.) *A Miséria do Mundo*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

acerca do cotidiano das mulheres nos assentamentos com significativa troca de saberes e de vivências.

Portanto, no decorrer da investigação e “do compartilhar de interesses e afetos”,<sup>4</sup> verificou-se que nem sempre os conteúdos das lembranças foram multicoloridos para as mulheres. Contudo, os momentos de entrevistas se mostraram importantes, pois afloraram experiências que, ao serem revividas, foram experimentadas novamente com outros sentimentos (amor, medo, insegurança, desejo, dentre outros). As mulheres refizeram caminhos que, certamente, permitiram a reconstrução e o fortalecimento de suas identidades e o seu empoderamento<sup>5</sup> para adentrarem os campos decisórios no assentamento, decidirem os rumos do projeto familiar e ainda viverem com maior autonomia sua condição de *ser* e de *estar* no mundo.

Algumas mulheres expuseram lembranças do passado de sofrimento, quando carregavam latas de água na cabeça. Expressaram tristeza ao ressaltarem a lavagem de roupas nos riachos, a falta de comida e de uma moradia digna, entre muitas outras situações, o que levou a constatação de que muitos caminhos foram marcados por decepções.

Em uma das pesquisas, encontramos Maria<sup>6</sup>, uma mulher aposentada por causa de problemas emocionais. Ela falou muito da quantidade de remédios que precisa tomar, das dificuldades para adquiri-los diante dos altos custos e, ao rememorar o tempo no qual a família vivia na condição de arrendatária, destacou com tristeza as longas caminhadas carregando as latas de água na cabeça, além de falar das roupas que lavava, também longe de casa.

E ainda, Maria destacou que eram pessoas sem “parada”, não fincavam raízes em lugar algum, iam de um lugar a outro, dependendo da vontade do proprietário da terra que os expulsava quando não mais precisava da família que, em geral, “formava” a fazenda. Este lugar, palco do sofrimento feminino, ratifica que “Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança [...]”.<sup>7</sup> São lembranças que exprimem o sofrimento do corpo e da mente, este corpo fala por meio de um trabalho, o de “formar fazenda” que não permitiu a esta mulher experimentar felicidade ou sentimentos mais positivos.

No momento desta fala, Maria chorou muito, deixando até mesmo a pesquisadora constrangida por não ter resposta para uma situação que somente esta senhora viveu, “são acontecimentos vividos pessoalmente”<sup>8</sup> que permeiam a memória individual relacionada a um passado vivo neste presente. Este fato corrobora a afirmação de que a memória é um fenômeno construído.

Ela permitiu aflorar uma experiência que deixou marcas profundas e pode, até mesmo, ter gerado as confusões emocionais que a incomodam. Neste momento, instalou-se um silêncio, a pesquisadora esperou com solidariedade que o choro cessasse, sabendo que se tratava de um momento importante para o “trabalho da memória”<sup>9</sup>.

Segundo Pollak<sup>10</sup>, a memória possui várias características, dentre elas, é seletiva e, neste contato com Maria, percebemos que ela teria muito mais o que falar e fatos a lamentar, mas fez uma seleção consciente e inconsciente, diante de si mesma, com a intenção de não sofrer com as suas lembranças, desse modo, também ocultou sentimentos.

---

<sup>4</sup>SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. In.: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Caiuby Novaes. (Org.) *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 299.

<sup>5</sup> Vide: DEERE, Carmen Diana; LEON, Magdalena. 2002. *O empoderamento da mulher: direito à terra e direitos à propriedade na América Latina*. Tradução: Letícia Vasconcelos Abreu, Paulo Azambuja Rossato Antinolf, Sônia Terezinha Gehring. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS.

<sup>6</sup> Não serão utilizados os nomes verdadeiros das mulheres, com o objetivo de resguardar suas identidades. Mulher de 50 anos, moradora do assentamento Sul Bonito, 2005.

<sup>7</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Rev. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 2.

<sup>8</sup> Idem, *ibid*, p. 2.

<sup>9</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

<sup>10</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Rev. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Rev. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

Encontramos também Joana<sup>11</sup>, uma mulher que foi visitada pela pesquisadora para ser entrevistada e responder ao questionário. Porém, ao chegar a sua casa, diante de uma situação muito precária e de extrema pobreza, de imediato, tal objetivo foi alterado, pois houve uma sensação de insegurança – faz parte do processo subjetivo na pesquisa – uma percepção de que poderíamos alcançar melhores resultados se apenas permanecêssemos no local observando e conversando com esta senhora. Além disso, as perguntas também versam sobre a situação econômica da família e ficou perceptível, à primeira vista, que seria constrangedor lançar tais questionamentos.

Iniciamos uma conversa informal, ela lavava suas roupas, estava com o corpo molhado e continuou esta tarefa relatando suas dificuldades, de como estava infeliz naquele lugar que não era seu, era “emprestado”, pois a família havia vendido o lote conquistado na trajetória de luta pela terra. Estar-se-á diante de outro corpo que fala pelo sofrimento, pelo trabalho indigno e não pelo sentido do prazer e da completude a partir da sexualidade ou de outros sentidos de prazer possíveis de serem efetivados.

Após estas palavras, Joana chorou de modo desesperado e dizia: “Olhe minha casa, não tenho nada, como vou receber meus filhos?”. Demonstrava ainda vergonha e dizia que a pesquisadora não poderia adentrar seu lar, uma vez que não era uma casa e sim um barraco. Realmente, a casa estava em péssimas condições, era feita de madeira com grandes frestas, parecia não suportar algum vento um pouco mais forte e, por coincidência, neste dia de pesquisa o tempo não colaborou, choveu muito, poucas horas depois deste encontro.

A pesquisadora deixou que a mulher falasse sem interrupções. Dizer o quê? São estas situações que marcam também a memória de quem pesquisa. Tratam-se de adversidades difíceis de analisar imediatamente e causam sentimentos variados para quem vive a realidade e para quem estuda teoricamente as pessoas e a sociedade. Estes momentos ratificam que a pesquisa é um caminho objetivo e subjetivo que vai sendo construído diante da realidade dinâmica, conflituosa e multifacetada.

No íterim da pesquisa, o contato entre pesquisadora e mulheres se manteve muito próximo e revelou que, embora o tempo tenha passado para algumas dessas mulheres, muitos sonhos se esvaíram e que as dificuldades enfrentadas por uma política de reforma agrária imprópria deixa em seus corpos e memórias as marcas das trajetórias incertas e inconclusas: mulheres envelhecidas pelo sol, pelo sofrimento, pela angústia ou pela doença. No entanto, a todo o momento, no contato direto com essas mulheres, foi possível verificar que seus olhos se dirigiam a um devir, ao longe, como se um futuro melhor ainda estivesse ao alcance. Isso demonstra que a vida-travessia é um recomeço constante em busca do que está por vir, do que pode ser efetivado, do que é sonhado.

Como relata dona Rosa<sup>12</sup>, ao dizer que a vida para a mulher neste novo lugar – o assentamento – é mais difícil e sofrida, principalmente, ao que se refere ao seu bem estar:

Pra mulher é mais difícil, assim... se toda fosse igual a eu...que gosta de andar bem arrumada...cheirosa...né...a gente não tem donde tirá, não pode, se for tirar da roça...da alguma coisa...prá comprar uma ropa boa...pra comprá um calçado, pra comprá um perfume...e a barriga, como é que fica? Não tem jeito... é difícil... não é só pra mim não...é pra todas...[risos].

A pesquisadora pergunta: “Então a senhora é vaidosa?” e recebe a seguinte exclamação: “Ah!... eu gosto... iixi...”. A pesquisadora continua: “Sempre foi?” e Rosa diz olhando distante, como se estivesse buscando a resposta no horizonte da roça, na qual planta seus sonhos e nem sempre os vê florescer: “Toda a vida! Toda vida, eu gostei de andar nos trinquis [sic] dançar, brincar, farriar [sic]... iiii...”.

Verificamos que as mulheres vivem sentimentos ambíguos, nem sempre sabem se conquistar a terra era o sonho que povoava seu projeto de vida, ou trata-se de mais uma tentativa de

<sup>11</sup> Assentamento Sul Bonito, 2005. (Não registramos sua idade)

<sup>12</sup> Mulher de 57 anos. Assentamento Guassu, 2007.

buscar uma vida mais digna frente à falta de perspectivas.

### **Enfim...a vida-travessia entre o ponto de partida e de chegada**

Como podemos observar, há momentos em que as mulheres ressaltam as conquistas, em outros as dificuldades. Para muitas mulheres, embora a vida-travessia tenha sido extremamente difícil, persiste um discurso de esperança e um forte brilho no olhar, aliados a uma força braçal que busca, incessantemente, por opções que tragam possibilidades de sobrevivência, esta é uma característica das identidades se estruturando e se fortalecendo, mesmo diante de adversidades.

Diante de tais constatações, é possível considerar o sentido da vida-travessia das mulheres protagonistas da reforma agrária, por verificar que elas vivem uma intensa e contínua busca por reconhecimento e por espaços nos quais podem se *fazer mulher*, se completam e se auto-reconhecem, sem a certeza de que há um ponto de chegada, ou qual é o verdadeiro ponto de partida, já que a vida é a constante procura de uma *margem* mais segura do rio, um lugar de sossego e de fartura.<sup>13</sup>

O ponto de partida pode ser considerado a decisão de lutar por terra ou de ingressar em um acampamento, mas pode ser também um elemento formador da memória, um resquício do passado que motivou esta decisão, como uma lembrança de infância geradora de um desejo de volta a algum lugar, a algum modo de vida. Ou pode existir outro ponto de partida? Talvez Quando as mulheres e suas famílias chegam ao assentamento, há um novo (re) começo, não tão novo por ser uma (re) construção de sentidos para a vida e para estar na terra.

E o ponto de chegada? Este está na outra margem do rio, mas não se sabe se mais abaixo ou mais acima de seu leito. Só se sabe que entre uma margem e a outra estão as águas de um rio, sua correnteza que pode levar as mulheres para rumos inusitados, mais felizes, de maior liberdade, ou de maiores dificuldades, com angústias e tristezas que ocultam as possibilidades de mudanças e fortalecem a permanência de relações de gênero que cerceiam a liberdade e a autonomia dessas mulheres.

Mas todas as possibilidades fazem parte da vida-travessia, que é ponto de partida e de chegada ao mesmo tempo, com permanências e mudanças, com ocultamento da dominação, mas também com resistências constantes, silenciosas, diretas e explícitas das mulheres se fazendo mulheres no ir e vir das águas do rio.

Nos assentamentos, onde a vida-travessia se completa com uma incompletude, às vezes, ainda maior, observou-se diversos momentos de valorosas reflexões pessoais que favoreceram a fala e a externalização das emoções das mulheres assentadas e permitiram a recriação de momentos alegres e de sofrimento que remetem à condição atual de vida de cada uma delas e da própria pesquisadora, que aprende constantemente nesse processo.

---

<sup>13</sup> BORGES, Maria Stela Lemos. *Terra: ponto de partida, ponto de chegada: identidade e luta pela terra*. São Paulo: Editora Anita, 1997.